

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

O ESTOICO¹², DE DAVID HUME
Tradução publicada em AFC, vol. VII

O ESTOICO, DE DAVID HUME

APRESENTAÇÃO

David Hume, como se sabe, não foi um adepto do estoicismo. Em sua teoria moral, longe de advogar a supressão das paixões, ele trata de estabelecer que o caráter genuinamente virtuoso decorre de um processo de formação que depende de considerações determinadas não exclusivamente pela razão, entendida em seu sentido clássico, mas da convivência com pessoas que nos fornecessem bons exemplos e com obras filosóficas, artísticas e literárias que educassem nossos sentimentos. Isso fica bastante claro em obras como o Livro III do *Tratado da Natureza Humana*, a *Investigação sobre os Princípios da Moral* e ensaios como “Da Delicadeza do Gosto e da Delicadeza de Paixão”, “Do Padrão do Gosto” e “Da Escrita de Ensaios”. São textos suficientemente conhecidos pelos estudiosos da teoria moral do filósofo escocês e, ao menos por ora, dispensam maiores comentários.

Outro motivo pelo qual não se poderia considerar que Hume seria algo como um estoíco perdido no século XVIII é que, definitivamente, a ideia de uma natureza que designasse ao homem algo como um *télos* é descartada por ele de maneira bastante radical. Esse ponto, que é evidente mesmo para os leitores mais casuais das obras que o autor nos legou sobre o conhecimento, é reforçado de maneira contundente na seguinte passagem de uma carta endereçada a Francis Hutcheson:

Pois diz-me, qual é o fim do homem? Ele é criado para a felicidade ou para a virtude? Para esta vida ou para a próxima? Para si próprio ou para seu criador? [...] essas questões são infundáveis, e estão muito distantes de meu propósito.³

¹ Ou o homem de ação e de virtude. (N. A.)

² Tradução de Marcos Ribeiro Balieiro, professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: marcos.balieio@gmail.com

³ HUME, David. *The Letters of David Hume*. Vol. I. Oxford: Oxford University Press, 2011.

Balieiro, Marcos Ribeiro
David Hume: *O estóico*

Por outro lado, o ensaio que se segue não revela posições filosóficas completamente opostas às de Hume. O texto parece advogar teses que seriam caras a ele, tais como a defesa da preocupação com o bem público, a convivência social como forma de refinar essa preocupação e o desenvolvimento das artes e da técnica. É o caso, então, de inquirir sobre os motivos que levariam o autor a escrever um texto acerca de uma forma de filosofar com a qual seu próprio pensamento simplesmente guarda semelhanças ocasionais. Esse, aliás, é um problema mais complexo do que poderia, à primeira vista, parecer.

O texto que ora apresentamos pode ser considerado parte de um “bloco” composto por quatro ensaios, a saber, “O Epicurista”, “O Estoico”, “O Platônico” e “O Cético”. Não há dúvidas de que Hume pretendeu que fossem lidos como um conjunto. Isso fica bastante claro quando, em nota ao título de “O Epicurista” (o primeiro deles), o autor nos informa que:

A intenção deste ensaio e dos três seguintes não é tanto explicar precisamente as opiniões das antigas seitas de filosofia, mas expor as opiniões de seitas que se formam naturalmente no mundo e têm diferentes ideias da vida e da felicidade humanas. Dei a cada uma delas o nome da seita filosófica com que tem maior semelhança.⁴

Não é o caso de explicar detalhadamente, aqui, os argumentos empregados por Hume em cada um desses ensaios. Isso tornaria esta apresentação demasiadamente longa. Entretanto, talvez seja interessante expormos, de maneira bastante resumida, os pontos principais das caracterizações que Hume faz, nos ensaios que acabamos de mencionar, das “seitas” em questão.

O epicurista que vemos no ensaio de mesmo nome recusa completamente a filosofia para se dedicar aos prazeres sensoriais, à boa mesa e à convivência com os amigos, os quais ele só abandona para ter momentos agradáveis com sua amada. O platônico renega completamente a vida comum e se lança à contemplação da divindade, vendo nesse modo de vida a definição da atividade filosófica. O cético, por sua vez, é uma personagem que, depois de se empenhar por muito tempo no estudo da filosofia, concluiu que ela não pode indicar caminhos para a felicidade ou para a virtude, devendo se limitar a oferecer conselhos no que diz respeito aos *meios* para se alcançar os fins desejados.

Antes de passarmos ao que Hume teria a dizer sobre o estoico, devemos observar que, a esta altura, já está evidente, mesmo para o leitor mais desavisado, que os ensaios passam muito longe de oferecer uma representação fiel das escolas segundo as quais foram nomeados. Isso pode causar alguma surpresa: ainda que nem todos os estudiosos tenham tido acesso a obras como *The David Hume Library*⁵, chama a

⁴HUME, David. *Essays Moral, Political and Literary*. Indianapolis: Liberty Fund, 1985.

⁵ NORTON, David Fate e NORTON, Mary J., *The David Hume Library*. Edimburgo: Edinburgh Bibliographical Society, 1996.

Balieiro, Marcos Ribeiro
David Hume: *O estoico*

atenção, ao longo de toda a obra do filósofo, a familiaridade com que ele cita, de maneira quase sempre bastante apropriada, um número considerável de textos clássicos. Desse modo, é certamente de maneira proposital que ele empreende um retrato nada fiel das escolas segundo as quais nomeia seus ensaios. O objetivo é apresentar, como o próprio autor informa, concepções acerca da vida e da felicidade que surgem “naturalmente”, ou seja, que se originam no registro da sociabilidade de pessoas comuns. Além disso, essas “seitas” são equiparadas a visões mais “populares” das escolas que dão título aos ensaios.

Isso explica as posições defendidas em “O Estoico”: o que vemos, tanto nesse ensaio quanto nos outros três já mencionados, é uma personagem que busca convencer o leitor a adotar seus próprios ideais acerca do que seria uma vida virtuosa e feliz. A concepção da virtude e da felicidade defendida por ele se vincula intimamente ao cultivo da razão e de uma disposição para sempre agir em prol do bem público que seria comparável ao desenvolvimento das artes. Para o estoico, devemos moldar-nos ao ideal de virtude esposado por ele do mesmo modo que o escultor molda a argila, ou o marceneiro esculpe a madeira. Mas não se trata, aqui, do cultivo desta ou daquela arte particular de convivência: o sábio é, para a personagem do ensaio em questão, aquele que consegue integrar perfeitamente todas as artes relacionadas ao bem-viver. Mais do que isso, fica claro que não basta o conhecimento meramente teórico do que seria necessário para a virtude e a felicidade, independentemente de quaisquer esforços de sistematização que o aspirante à sabedoria empreenda. É necessário aplicar à prática as artes que são importantes para a formação do caráter virtuoso.

Poder-se-ia dizer, acerca do próprio Hume, que *parece* que ele não seria totalmente avesso à tese segundo a qual é benéfico que nos esmeremos em constituir um caráter que nos torne mais felizes e que, ao fim e ao cabo, esse caráter certamente será virtuoso. Não é bem assim. Convém explicarmos, ainda que de maneira breve, os motivos pelos quais não se pode dizer que o Estoico fala pelo próprio autor.⁶

Ora, ainda que, à primeira vista, possa parecer que a insistência do “estoico” que vemos no ensaio em valorizar o bem público o aproxima de Hume, um olhar mais próximo revela que, definitivamente, não é o caso. O “estoico” extrai sua concepção de bem comum de uma pretensa racionalidade universal, concedida ao homem pelo “autor

⁶ Os comentadores da obra de Hume vêm discutindo há um bom tempo sobre quais das “seitas” presentes nos quatro ensaios a que vimos nos referindo falam pelo próprio autor ou, ao menos, têm mais em comum com as teses defendidas por ele. Até o momento, não houve qualquer consenso entre eles. O leitor que tiver interesse no tema pode consultar obras como *The Ironic Hume*, de John Waldimir Price (Austin: University of Texas Press, 1965), *Philosophical Melancholy and Delirium*, de Donald Livingston (Chicago: University of Chicago Press, 1998), ou “A Melancholy Skeptic”, de Livia Guimarães (*Kriterion*108, vol. XLIV, pp. 180-190. Belo Horizonte: Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2003). Encontrará, nesses textos, leituras completamente distintas umas das outras, o que dará uma boa ideia do estado inconclusivo em que se encontra, ainda, esse debate.

Balieiro, Marcos Ribeiro
David Hume: *O estoico*

da natureza”, cuja existência é, para ele, indubitável. Isso é absolutamente incompatível com a teoria humiana acerca da moralidade, já que ela é baseada em uma educação dos sentimentos por meio da própria sociabilidade. O mundo da convivência não é, para Hume, uma simples maneira de moderar a frieza excessiva que poderia advir de uma filosofia que não saísse de seu gabinete. Ele é, isso sim, o próprio terreno em que nossas paixões são levadas ao estado em que se tornam mais apropriadas para a convivência com o meio em que estamos inseridos, sempre de maneira particular, concreta. Ainda que a expansão de nossa capacidade de nos importarmos com o bem-estar uns dos outros (mesmo que “os outros” sejam pessoas com quem não temos quaisquer relações) seja necessária, na filosofia de Hume, para que realizemos julgamentos morais apropriados, tais julgamentos serão sempre realizados por pessoas particulares, com formações particulares no que diz respeito aos círculos que frequentaram, aos livros que leram e aos mestres que tiveram. O “estoico” que se nos apresenta no ensaio, por sua vez, parece rechaçar completamente qualquer possibilidade de uma moralidade que não decorra de uma razão que é inegavelmente universal.

De fato, mais que a perfeita identificação entre virtude e felicidade que o “estoico” parece promover, talvez seja o fato de ele confiar a escolha da melhor vida possível à razão que o separa definitivamente da filosofia de Hume. Não devemos, porém, acreditar que o autor tem por objetivo uma crítica particular dessa personagem. O “epicurista” é, também, criticado por recusar a filosofia e por, ao valorizar demasiadamente a boa mesa e a companhia, depositar suas esperanças de felicidade em objetos completamente alheios ao seu poder. O “platônico” é apresentado como um zelota bastante semelhante àqueles que Hume se esmera em criticar em vários momentos de sua obra. O “cético”, por sua vez, é praticamente um apologeta da vida comum *contra* a filosofia e, portanto, deve ser recusado por um autor que viu na junção entre filosofia e vida comum algo que seria benéfico para ambas, tendo chegado a afirmar que “decisões filosóficas são apenas as reflexões da vida comum, metodizadas e corrigidas”⁷. No fim das contas, parece que Hume não pretende simplesmente se colocar de acordo com nenhuma das personagens que apresenta em seus ensaios sobre “seitas” que opinam sobre a vida e a felicidade.

No fim das contas, porém, não é o fato de o autor não eleger o “estoico” como seu único alvo que o desculpa de cometer um ataque absolutamente injustificado contra essa escola filosófica (epicuristas, platônicos e céticos também poderiam fazer uma ressalva como essa). Hume parece realmente apenas querer dizer que qualquer “seita” que defenda a tese segundo a qual devemos nos pautar por um ideal de virtude pretensamente racional, que emanaria de um criador que deseja que nos portemos segundo leis gerais imutáveis para promover uma noção de bem comum determinada em um âmbito exterior ao da convivência humana, não defende preceitos que resultarão em uma vida efetivamente feliz. Quanto ao que ele teria a dizer, efetivamente, sobre o estoicismo... Isso já é outra história.

⁷ HUME, David. *An Enquiry concerning Human Understanding*. Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 208.

O ESTOICO, DE DAVID HUME

Há uma diferença óbvia e material entre a conduta da natureza no que diz respeito ao homem, em comparação com os outros animais: é que, tendo dotado o primeiro com um espírito celestial sublime, e tendo dado a ele uma afinidade com os seres superiores, ela não permite que faculdades tão nobres permaneçam letárgicas ou ociosas, mas o instiga, por meio da necessidade, a empregar, em todas as emergências, suas mais elevadas *arte e industriabilidade*⁸. As bestas têm muitas de suas necessidades supridas pela natureza, sendo cobertos e armados por essa mãe beneficente de todas as coisas. E quando sua própria *industriabilidade* é exigida em qualquer ocasião, a natureza, ao implantar instintos, ainda os supre com a *arte* e os guia a seus preceitos bons e infalíveis. Mas o homem, que é exposto nu e indigente aos elementos rudes, ergue-se lentamente desse estado indefeso, por conta do cuidado e da vigilância de seus pais, e, tendo atingido o grau máximo de seu crescimento e sua perfeição, atinge apenas a capacidade de subsistir por seu próprio cuidado e sua própria vigilância. Tudo é obtido pela habilidade e pelo trabalho e, quando a natureza fornece os materiais, eles são, ainda, rudes e inacabados, até que a industriabilidade, sempre ativa e inteligente, os refina a partir de seu estado bruto e os torna apropriados para o uso e a conveniência humanos.

Reconhece, então, ó homem, a beneficência da natureza, pois ela deu a ti aquela inteligência que supre todas as tuas necessidades. Mas não deixes a indolência, sob a falsa aparência da gratidão, persuadir-te a descansar, contente com seus presentes. Retornarias às folhagens cruas para obter teu alimento, ao céu aberto para cobrir-te, às pedras e aos paus para a tua defesa contra os animais vorazes do deserto? Então retornes também às tuas maneiras selvagens, à tua superstição covarde, à tua ignorância brutal, e permite a ti mesmo rebaixar-te mais do que aqueles animais cuja condição admiras e tanto gostarias de imitar.

⁸ O termo “industriabilidade” traduz, ao longo de todo o ensaio, o termo em inglês *industry*. Ainda que a palavra escolhida seja pouco empregada na linguagem usual, ela preserva o significado da original e tem as mesmas origens. Nesse sentido, pareceu uma alternativa melhor do que “indústria”, que poderia gerar confusões, e “engenho”, que tem o significado apropriado, mas origem diferente.

Balieiro, Marcos Ribeiro
David Hume: *O estóico*

Tua amável mãe, a natureza, tendo lhe dado arte e inteligência, encheu todo o globo de materiais em que empregar esses talentos: escuta a sua voz, que tão diretamente te diz que tu mesmo deverias, também, ser objeto da tua industriiosidade, e que apenas por meio da arte e da atenção podes adquirir a habilidade que te elevará à tua posição própria no universo. Contempla este artesão, que converte uma pedra rude e disforme em nobre metal e, moldando esse metal com suas mãos habilidosas, cria, como se fora por mágica, todas as armas para sua defesa e todo utensílio para sua conveniência. Ele não tem essa habilidade por natureza: o uso e a prática o ensinaram. E se tu emulasses o seu sucesso, seguirias suas pegadas laboriosas.

Mas enquanto aspiras *ambiciosamente* ao aperfeiçoamento de teus poderes e tuas faculdades corpóreas, tu *mesquinhamente* negligenciarias tua mente e, por conta de uma preguiça absurda, deixá-la-ia rude e desprovida de cultivo, como ela saiu das mãos da natureza? Que essa tolice e essa negligência passem longe de todos os seres racionais. Se a natureza foi frugal em seus presentes e seus dotes, é ainda mais necessário que a arte supra seus defeitos. Se ela foi generosa e liberal, sabe que ela ainda espera industriiosidade e aplicação de nossa parte e se vingará na mesma medida de nossa ingratidão negligente. O gênio mais rico, como o solo mais fértil, quando não cultivado, deixa crescer as ervas daninhas mais luxuriosas e, ao invés de vinhas e oliveiras para o uso e prazer do homem, produz, para seu possuidor preguiçoso, a mais abundante safra de venenos.

O grande fim de toda a industriiosidade humana é atingir a felicidade. Para isso as artes foram inventadas; as ciências, cultivadas; as leis, ordenadas; e as sociedades, modeladas pela mais profunda sabedoria de patriotas e legisladores. Até mesmo o selvagem solitário, que está exposto à inclemência dos elementos e à fúria das bestas selvagens, não se esquece, nem por um momento, desse grande objeto de seu ser. Por mais ignorante que seja de todas as artes da vida, ele ainda tem em vista o fim de todas essas artes e ansiosamente busca a felicidade em meio àquela escuridão de que está cercado. Mas, do mesmo modo que o mais inculto selvagem é inferior ao cidadão polido que, sob a proteção das leis, desfruta de todas as conveniências que a industriiosidade inventou, esse cidadão é, ele próprio, inferior ao homem de virtude e verdadeiro filósofo, que governa seus apetites, subjuga suas paixões e aprendeu, pela razão, a atribuir um valor justo a todas as buscas e todos os deleites. Pois haverá uma arte e um aprendizado necessários para todas as outras conquistas? E não há uma arte de

Balieiro, Marcos Ribeiro
David Hume: *O estóico*

viver, nenhuma regra, nem preceitos para nos dirigir a esse interesse principal? Será possível que qualquer prazer particular possa ser atingido sem habilidade, e poderá a totalidade ser regulada, sem reflexão ou inteligência, pelos guias cegos do apetite e do instinto? É claro, então, que nenhum erro é cometido no que diz respeito a esse assunto, e todos os homens, por mais dissolutos e negligentes que sejam, procedem em busca da felicidade com movimentos infalíveis, como aqueles que os corpos celestes observam quando, conduzidos pela mão do Todo-poderoso, rolam ao longo de planos etéreos. Mas se erros forem cometidos inevitavelmente e com frequência, registremos esses erros, consideremos suas causas, pesemos sua importância, busquemos os remédios para eles. Quando, a partir daí, fixamos todas as regras de conduta, somos *filósofos*. Quando aplicamos essas regras à prática, somos *sábios*.

Como tantos artistas subordinados, empregados para montar as várias engrenagens e molas de uma máquina, tais são aqueles que se destacam em todas as artes particulares da vida. O artesão mestre é *aquela* que junta todas essas muitas partes, faz com que se movam de acordo com a harmonia e a proporção justas e produz a verdadeira felicidade como resultado da ordem em que conspiram.

Enquanto tiveres um objeto tão atraente em vista, poderão o labor e a atenção necessários para atingir o teu fim parecer, em algum momento pesados ou intoleráveis? Saiba que esse labor é, ele próprio, o ingrediente principal da felicidade a que aspiras, e que todas as fruições logo se tornarão insípidas e desgostosas se não forem adquiridas pela fadiga e pela industriiosidade. Vê os caçadores calejados se levantarem de seus leitos acolchoados, espantar o sono que ainda empurra para baixo suas pálpebras pesadas e, antes que a *Aurora* cubra os céus com seu manto flamejante, vão apressados para a floresta. Eles deixam para trás, em suas próprias casas e nas planícies vizinhas, animais de todos os tipos, cujas carnes fornecem a refeição mais deliciosa, e que se oferecem para levar o golpe fatal. O Homem laborioso desdenha uma conquista tão fácil. Ele busca uma presa que se esconda de sua busca, ou fuja ao ser perseguida, ou que se defenda de sua violência. Tendo exercido durante a caça todas as paixões da mente e todos os membros do corpo, ele encontra, então, os encantos do repouso e compara com alegria seus prazeres àqueles de seus labores agradáveis.

E poderá a industriiosidade vigorosa dar prazer até mesmo à busca da presa mais indigna, que frequentemente escapa aos nossos esforços? E não poderá essa mesma industriiosidade tornar o cultivo de nossas mentes, a moderação de nossas paixões, o

Balieiro, Marcos Ribeiro
David Hume: *O estóico*

esclarecimento de nossas razões, uma ocupação agradável se estivermos, todos os dias, conscientes de nosso progresso e contemplarmos nossas feições e nosso semblante internos se tornarem incessantemente mais brilhantes, com novos encantos? Começa por curar-te dessa indolência letárgica, a tarefa não é difícil⁹. Precisas apenas provar as doçuras do trabalho honesto. Procede até aprender o justo valor de cada busca; não é necessário um longo estudo. Compare, ainda que apenas uma vez, a mente ao corpo, a virtude, à fortuna, a glória, ao prazer. Perceberás, então, as vantagens da industriiosidade; terás, então, consciência de quais são os objetos próprios da tua industriiosidade.

Em vão esperas repousar em um leito de rosas. Em vão esperas pela fruição dos mais deliciosos vinhos e das mais deliciosas frutas. Tua própria indolência se torna uma fadiga: teu próprio prazer cria desgosto. A mente, desprovida de exercício, acha todos os prazeres insípidos e asquerosos e, ainda antes que o corpo, cheio de humores danosos, sinta o tormento de suas múltiplas doenças, ela, tua parte mais nobre, estará consciente do veneno que o invade e buscará em vão aliviar sua ansiedade por meio de novos prazeres, que aumentarão mais ainda a doença fatal.

Não preciso dizer-te que, por essa busca ansiosa do prazer, tu te expões cada vez mais à fortuna e aos acidentes, amarras tuas afecções a objetos externos, que a sorte pode, em um momento, arrancar de ti. Suporei que tuas estrelas indulgentes favorecem-te, ainda, com a fruição de tuas riquezas e tuas posses. Provo-te que, mesmo em meio a teus prazeres luxuriosos, estás infeliz, e que, por conta de indulgências demasiadas, tu te tornaste incapaz de apreciar o que a próspera fortuna ainda permite que possuas.

Mas é claro que a instabilidade da fortuna é uma consideração que não deve ser desprezada ou negligenciada. Não é possível que a felicidade exista quando não há segurança, e a segurança não tem lugar quando a fortuna exerce qualquer domínio. Ainda que essa divindade instável não exerça sua fúria contra ti, o medo de que isso ocorra ainda te atormentará, perturbará teu sono, assombrará teus sonhos e lançará uma névoa sobre a alegria de teus mais deliciosos banquetes.

⁹ A partir desse momento, Hume deixa de empregar, no texto original, o equivalente à segunda pessoa do singular (*thou* - tu) para dirigir-se ao leitor na terceira (*you* - você). Essa mudança não cumpre nenhuma função teórica e, além disso, o uso da segunda pessoa (*thou*), mesmo no texto em inglês, parece compatível com o tom quase excessivamente formal adotado pela *persona* assumida por Hume ao longo do ensaio. Por esses motivos, bem como para preservar a fluidez do texto, optamos por utilizar, nas passagens em que a personagem do texto parece dirigir-se ao leitor, a segunda pessoa do singular. (N. T.)

Balheiro, Marcos Ribeiro
David Hume: *O estóico*

O templo da sabedoria está assentado em uma rocha, sobre a fúria dos elementos que se digladiam, e inacessível a toda a malícia do homem. O trovão furioso estoura muito abaixo, e aqueles instrumentos mais terríveis da fúria humana não alcançam uma altura tão sublime. O sábio, ao respirar aquele ar sereno, olha lá para baixo com prazer, misturado à compaixão pelos erros dos mortais enganados, que cegamente buscam pela verdadeira senda da vida e perseguem riquezas, nobreza, honra ou prazer, como se fossem felicidade genuína. Alguns lamentam o fato de, tendo antes possuído o objeto de seus desejos, ele lhes foi tomado pela fortuna invejosa. E todos reclamam que, mesmo que seus desejos lhes fossem concedidos, não poderiam dar a eles a felicidades, ou aliviar a ansiedade de suas mentes distraídas.

Mas o sábio sempre se preservará nessa indiferença filosófica e se contentará com lamentar as misérias da humanidade, sem jamais se dedicar ao alívio delas? Ele constantemente se entrega a essa sabedoria severa que, ao pretender elevá-lo acima dos acidentes humanos, na verdade endurece seu coração e faz com que não dê importância aos interesses da humanidade e da sociedade? Não. Ele sabe que, nessa *apatia* macambúzia, nem a verdadeira sabedoria, nem a verdadeira felicidade podem ser encontradas. Ele sente muito intensamente o encanto das afecções sociais para contrariar uma propensão tão doce, tão natural, tão virtuosa. Mesmo quando, banhado em lágrimas, ele lamenta as misérias da raça humana, de seu país, de seus amigos, e, incapaz de dar qualquer socorro, pode apenas trazer-lhes alívio pela compaixão, ele ainda se regozija com a disposição generosa e sente uma satisfação superior à dos maiores prazeres sensoriais. Tão cativantes são os sentimentos de humanidade que eles iluminam a própria face da mágoa e operam como o sol, que, brilhando sobre uma nuvem escura ou sobre a chuva que cai, pinta nelas as cores mais gloriosas que se pode encontrar em todo o círculo da natureza.

Mas não é apenas aí que as virtudes sociais mostram sua energia. Quaisquer que sejam os ingredientes com que se misturem, elas ainda serão predominantes. Assim como a mágoa não pode superá-las, o prazer sensual não pode obscurecê-las. As alegrias do amor, por mais tumultuosas que sejam, não podem banir os sentimentos ternos da simpatia e da afeição. Elas extraem sua influência principal dessa paixão generosa e, quando apresentadas sozinhas, não trazem à mente feliz nada além de lassitude e desgosto. Contempla esse animado libertino, que exprime um desprezo por quaisquer prazeres que não os do vinho e da festividade. Separa-o de teus

Balieiro, Marcos Ribeiro
David Hume: *O estóico*

companheiros, como uma fagulha de uma fogueira, com cuja chama ela antes contribuía. Sua alacridade subitamente se extingue e, ainda que esteja cercado por todos os outros meios de deleito, ele abomina o suntuoso banquete e prefere até mesmo o estudo e a especulação mais abstratos, considerando-os mais agradáveis e divertidos.

Mas as paixões sociais nunca transmitem prazeres tão intensos ou fazem uma aparição tão gloriosa aos olhos tanto de Deus quanto do homem quanto nos momentos em que, ao sacudir toda a poeira terrena, associam-se aos sentimentos de virtude, e nos inclinam a ações louváveis e dignas. Do mesmo modo que as cores harmoniosas mutuamente dão e recebem lustro por sua união amigável, assim o fazem esses sentimentos que enobrecem a mente humana. Vê o triunfo da natureza na afeição parental! Que paixão egoísta, que prazer sensual poderia ser páreo para ela, quer um homem exulte com a prosperidade e a virtude de sua cria, quer corra em seu socorro, cruzando os perigos mais ameaçadores e tremendos?

Continua, ainda, a purificar a paixão generosa, e admirarás ainda mais suas glórias brilhantes. Que encantos há na harmonia das mentes e em uma amizade fundada na estima e na gratidão mútuas! Que satisfação em aliviar os perturbados, em confortar os aflitos, em erguer os caídos e em parar a carreira da fortuna cruel ou de homens mais cruéis, quando insultam os bons e os virtuosos! Mas que alegria suprema há nas vitórias sobre o vício, bem como naquelas sobre a miséria, quando, pelo exemplo virtuoso ou pela exortação sábia, nossos semelhantes são ensinados a governar suas paixões, reformar seus vícios e subjugar seus piores inimigos, que habitam em seus próprios seios!

Mas esses objetos são, ainda, limitados demais para a mente humana, que, sendo de origem celestial, pode se preencher com as afeições mais divinas e mais expandidas e, levando sua atenção para além de seus familiares e seus conhecidos, pode estender seus desejos benevolentes até a mais distante posteridade. Ela vê a liberdade e as leis como a fonte da felicidade humana e se devota, com a maior alacridade, a guardá-las e protegê-las. Infortúnios, perigos, até a própria morte têm seus encantos quando os desbravamos pelo bem público, e enobrecem aquele ser que generosamente sacrificamos pelos interesses de nosso país. Feliz é o homem que a fortuna indulgente permite que pague à virtude o que deve à natureza e transforme em um presente generoso aquilo que, de outro modo, seria dele tomado pela cruel necessidade.

Balheiro, Marcos Ribeiro
David Hume: *O estóico*

No verdadeiro sábio e patriota está reunido tudo aquilo que pode distinguir a natureza humana, ou elevar o homem mortal à semelhança da divindade. A benevolência mais suave, a mais inflexível resolução, os sentimentos mais ternos, o amor mais sublime pela virtude, tudo isso anima sucessivamente seu seio inspirado. Que satisfação ele tem quando, ao olhar para seu interior, ele encontra as paixões mais turbulentas levadas às justas harmonia e concórdia, e cada som irritante banido dessa música encantadora! Se até mesmo a contemplação da beleza inanimada é tão deleitosa, se ela arrebatava os sentidos, até mesmo quando a bela forma nos é estranha, quais deverão ser os efeitos da beleza moral? E que influência terá ela, que embeleza nossas próprias mentes e é resultado de nossa própria reflexão e nossa própria industriabilidade?

Mas onde está a recompensa da virtude? E que recompensa a natureza providenciou para sacrifícios tão importantes quanto o da vida e o da fortuna, que devemos frequentemente fazer em nome dela? Ó, filhos da terra! Sois ignorantes do valor dessa amante celestial? E exigis mesquinamente o seu dote, quando observais seus encantos genuínos? Mas sabeis que a natureza foi indulgente com a fraqueza humana e não deixou seu filho favorito nu e desprovido. Ela proveu a virtude com o dote mais rico, mas, tendo sido cuidadosa para que os encantos do interesse não cativassem os pretendentes que estivessem conscientes do valor intrínseco de uma beleza tão divina, ela sabiamente garantiu que esse dote não tivesse encantos senão para os olhos daqueles que já eram inspirados pelo amor da virtude. A Glória é o dote da virtude, a doce recompensa dos esforços honrados, a coroa triunfante que cobre a cabeça pensativa do patriota desinteressado, ou a fronte empoeirada do guerreiro vitorioso. Elevado por um prêmio tão sublime, o homem de virtude olha com desprezo para todos os atrativos do prazer e para todas as ameaças do perigo. A própria morte perde seus terrores quando ele considera que seu domínio se estende apenas a uma parte dele e que, apesar da morte e do tempo, da fúria dos elementos e da vicissitude infundável dos afazeres humanos, ele tem garantida para si uma fama imortal entre os filhos dos homens.

Há, claramente, um ser que preside o universo e que, com sabedoria e poder infinitos, reduziu os elementos dissonantes a uma ordem e uma proporção justas. Que os pensadores especulativos debatam sobre quanto esse ser beneficente estende seus cuidados e se ele prolonga nossa existência para além da sepultura, de modo a atribuir à

Balieiro, Marcos Ribeiro
David Hume: *O estóico*

virtude sua justa recompensa e torná-la plenamente triunfante. O homem de moral, sem decidir o que quer que seja sobre um tema tão dúbio, satisfaz-se com o quinhão assinalado a ele pelo organizador supremo de todas as coisas. É com gratidão que ele aceita aquela recompensa posterior preparada para ele, mas, se for desapontado quanto a isso, ele não considera a virtude um nome vazio, mas, justamente estimando que ela é sua própria recompensa, reconhece com gratidão a fartura de seu criador, que, ao trazê-lo à existência, concedeu-lhe a oportunidade de adquirir algo de valor tão incalculável.